

*Diplomacia e relações comerciais entre o Oriente e o Ocidente: duas experiências do século XIII**

à memória do professor Denys Lombard

*Andréa Doré***

Ao falar dos contatos entre o Oriente e o Ocidente, pode-se correr o risco de, traído pela imprecisão dos termos, acabar não falando de coisa alguma concretamente. Usam-se esses dois termos para, ao menos no caso deste artigo, tratar das relações entre regiões do globo, sendo que uma professa o cristianismo e a outra, não, uma se utiliza do alfabeto latino e a outra, não... ou seja, o Oriente parece ser a negação do Ocidente, sem que isso aporte alguma precisão a esse vasto espaço. Mais uma vez, no entanto, se fará uso dessa “oposição binária imaginária”¹ para apresentar alguns aspectos da aproximação entre a Ásia Central, a Europa Ocidental e o Oriente Médio, durante a segunda metade do século XIII, quando dois grandes conflitos se confundiam: as Cruzadas e a expansão do Império Mongol, que partiu da Ásia Central em direção ao Golfo Pérsico

* Este artigo baseia-se na dissertação de mestrado, apresentada no Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da UnB, em janeiro de 1997.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

¹ D. Sinor, “Langues et échanges culturels le long des routes de la soie”, *Revue Diogenes*, nº 171, 1995, p. 3.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 10, pp. 137-158.

e à Europa Oriental. Esses conflitos acabaram intensificando os contatos diplomáticos, seja na tentativa de contê-los, seja na expectativa, por parte da Europa, de uma ampliação dos domínios do cristianismo. Como resultado, assistiu-se ao encontro de três grandes forças mundiais, cada uma perseguindo objetivos plenamente contrastantes entre si: a República Cristã, a potência muçulmana e o império dos Tártaros.²

Essa aproximação será verificada a partir de dois textos, escritos num intervalo de quarenta anos, e que são representativos, por recuperarem experiências vividas no Oriente e descreverem iniciativas diplomáticas resultantes de situações de conflito. O primeiro texto pertence a Guilherme de Rubrouck. Frei franciscano de origem flamenga, foi enviado, em 1253, pelo rei da França, Luís IX — São Luís — em uma missão de espionagem à corte mongol, na Ásia Central. O segundo autor é Marco Polo, célebre mercador veneziano, que percorreu a Ásia durante vinte e quatro anos, e cuja trajetória, como membro da burguesia que nascia na Europa, resultou ao mesmo tempo das Cruzadas e do avanço do Império Mongol.

Os objetivos deste artigo se restringem, assim, a analisar essas duas narrativas de viagem, apontando elementos da diplomacia praticada entre a Europa e o Oriente durante o século XIII, um século caracterizado pela chamada “moda asiática”,³ pela importância do comércio e dos comerciantes na condução das relações internacionais e pelo conflito entre a Igreja e do Estado.

As Cruzadas

No século XIII, para o Ocidente cristão, para as regiões distantes do Mar Mediterrâneo e, ao contrário de cidades como Gênova, Veneza e Pisa, as Cruzadas marcaram os primeiros contatos com o Oriente muçulmano. A falta de informação da Europa a respeito do Oriente Médio era tal que a primeira Cruzada é considerada como a da fé, e a única ligada apenas a esse sentimento; não tinha nenhum objetivo além da conquista dos lugares santos e não abrigava “nenhuma outra promessa além daquela de ganhar o céu combatendo por Deus”.⁴ Os homens das Cruzadas não sabiam o que iriam

² Cf. G. Soranzo, *Il Papato, l'Europa Cristiana e i Tartari*. Milano, Vita e Pensiero, 1930, p. 563.

³ Mesmo mais restrita do que a “moda árabe”, a moda asiática baseava-se no interesse despertado pela Ásia com a divulgação das histórias de Alexandre, das lendas de São Tomás e do Preste João, das narrativas de comerciantes e missionários. Cf. L. Olschki, “Dante e l'Oriente”, *Il Giornale Dantesco*, vol. XXXIX, Firenze, 1936, p. 68.

⁴ M. Parisse, “Les ‘profits’ de la guerre sainte”, *Les Croisades*, Paris, Seuil, 1988, pp. 128s.

encontrar e, entre as motivações pessoais, não estava o enriquecimento, resultado de pilhagens e de saques, que atrairiam os cruzados das missões seguintes.

A primeira Cruzada, entre 1096 e 1099, tinha objetivos bastante claros: libertar a Terra Santa de seus ocupantes muçulmanos e, em seguida, assegurar a defesa dos Estados Latinos do Oriente. O grande resultado foi a conquista de Jerusalém, em julho de 1099. Na segunda Cruzada, de 1146, as diretivas do papa já não eram obedecidas com rigor. Dela participaram o rei da França, Luís VII, e o imperador germânico, Conrado III. A partir dessa investida, o papa foi obrigado a dividir as decisões com as potências políticas do Ocidente. No sentido prático, essa Cruzada não obteve grandes resultados e Jerusalém foi retomada por Saladino, príncipe do Egito, em outubro de 1187. A terceira Cruzada foi, então, convocada, para resistir a Saladino. Dela participaram três chefes de estado: Frederico Barbarossa, Felipe Augusto e Ricardo Coração de Leão. Os desentendimentos entre os chefes dessa missão contribuíram para o seu fracasso, e a presença de interesses alheios aos fundamentos da “guerra santa” se tornou irremediável.

A partir da quarta Cruzada, convocada pelo papa Inocêncio III, em 1204, os interesses comerciais tornaram-se evidentes. O plano consistia em atacar os muçulmanos no Egito e de lá reconquistar a costa da Palestina. Mas nem a Igreja, nem as nações do Ocidente cristão dispunham de recursos financeiros para uma nova empreitada no Oriente Médio. Uma embaixada dirigiu-se, então, à República de Veneza, a fim de obter uma frota para transportar os cruzados até o Oriente. Contra esse apoio, os cruzados deveriam pagar um total de 94 mil marcos e a metade de todas as conquistas.⁵ Os cruzados, não podendo pagar a conta, foram obrigados a aceitar que Veneza decidisse o roteiro das conquistas. A proposta da República era quitar a dívida com a tomada de Zara, um porto cristão, mas rival dos venezianos no comércio do mar Adriático.

As últimas três Cruzadas, como afirma Pirenne, “da Cruzada têm apenas o nome”.⁶ A última posição do Império Latino na Síria foi perdida em 1291, com a tomada de Acre pelo sultão mameluco Kaldun. Dos objetivos inicialmente fixados, nada havia sido alcançado: a ação dos cruzados não rechaçou o Islã, não reunificou a Igreja grega, não conservou nem Jerusalém,

⁵ Cf. D. E. Queller, *Medieval Diplomacy and the Fourth Crusade*, London, Variorum Reprint, 1980, pp. 489s. Sobre a preparação dessa Cruzada, ver o testemunho de um dos negociadores, Geoffroi de Villehardouin, *La Conquête de Constantinople*, Edição e tradução de Edmond Faral, Paris, 1938-39.

⁶ H. Pirenne, *Storia d'Europa dalle invasioni al XVI secolo*, Roma, Orsa Maggiore, 1991, p. 225.

nem Constantinopla. O seu verdadeiro resultado foi a intensificação do comércio marítimo no Mediterrâneo, sobretudo italiano e, a partir da quarta Cruzada, a formação do império colonial de Veneza e de Gênova nas regiões do Levante.

Expansão do Império Mongol

“Esses pastores, arrastando nações, afugentando a humanidade com seus rebanhos, pareciam decididos a apagar da terra toda cidade, toda construção, todo traço de cultura, a refazer do globo um deserto, um prado livre onde se pudesse então vagar sem obstáculos”.⁷

Jules Michelet não estende muito suas considerações, descrevendo ou tentando explicar a expansão do Império Mongol, mas o quadro que ele faz da ação dos invasores *é uma imagem que demonstra os efeitos causados pela dominação mongol até onde ela pôde chegar*. A situação era baseada na ignorância recíproca. Guilherme de Rubrouck, em sua narrativa, diz que os mongóis consideravam que os cristãos formavam um povo, uma nação, e não uma religião.⁸ Ao mesmo tempo, as primeiras notícias que chegavam ao Ocidente, quando o alvo dos mongóis ainda se limitava aos reinos muçulmanos, falavam de um imperador, rei Davi, que vinha do Oriente para salvar os cristãos dos infiéis.⁹

No final de dezembro de 1241, os mongóis chegaram ao extremo ocidental de suas conquistas. Um exército, comandado por Batu, chefe mongol, estava prestes a atacar Viena, quando chegou ao seu acampamento a notícia da morte do grande *khan* Oegoedei. Batu, um dos principais candidatos ao trono supremo, retrocedeu em direção ao leste. Três décadas mais tarde, em 1271, quando Marco Polo partiu em direção ao Oriente, com seu tio e seu pai, o Império Mongol se estendia, sem interrupção, das planícies da Rússia ao mar da China. A porção ocidental desse império era dividida em três reinos, ou *khanatos*, cada um com seu chefe, ou *khan*, mas todos submissos ao imperador mongol da China, o grande *khan* de Cambalic (Pequim). Havia o

⁷ J. Michelet, *Le Moyen Age*, Paris, Robert Laffont, 1981, p. 368.

⁸ Referindo-se aos mongóis, ele afirma: “En effet, le nom de chrétienté leur paraît être un nom de peuple, et ils sont gonflés d’un tel orgueil que, même s’il leur arrive d’avoir quelque créance au Christ, ils refusent de se dire ‘chrétiens’”, Guillaume de Rubrouck, *Voyages dans l’Empire Mongol*, trad. de Claude e René Kappler, Paris, Payot, 1985, p. 122.

⁹ Cf. M. Prawdin, *Gênghis Khan*, Paris, Payot, 1980, pp. 5-10. O autor fala de cartas enviadas ao papa por Jacques de Vitry, bispo de Acre, ainda em 1218, que reconhece em Gêngis Khan um protetor da cristandade, vindo da Índia, um certo rei Davi, que acabava de atacar os infiéis com um exército imenso.

khanato da Pérsia, o *khanato* da Horda de Ouro, também chamado *Kiptchak*, na Rússia do sul, e o *khanato* do Turquestão, ou de *Djaghatai*.

Assim como no caso das Cruzadas, a expansão do Império Mongol disseminou um efeito duradouro no tocante às relações comerciais. Durante o período identificado como *pax mongolica*, já durante o reino de Kublai Khan, as estradas no interior do Império eram seguras o suficiente para atrair mercadores cristãos e árabes.

Os contatos diplomáticos

A ação diplomática surgiu como conseqüência, e muitas iniciativas partiram da Europa, ameaçada pelos mongóis e derrotada pelos muçulmanos. Abel Rémusat escreveu, entre 1822 e 1825, uma obra bastante detalhada, que reúne cartas trocadas pelos reis católicos, especialmente o rei da França e a corte mongol.¹⁰ As trocas de embaixadas e as tentativas de negociação entre a Europa cristã e o Império Mongol começam em junho de 1243, quando o papa Inocêncio IV assume a direção da Igreja. Ele retoma o objetivo, acumulado e mal cumprido por seus predecessores, de salvar a tradição da *Cristiana Repubblica*, ameaçada por todos os lados: pelo Império Romano-germânico, por monarquias nacionais, que começavam a se formar pela Europa, pelo poder nascente das cidades e por novos interesses econômicos. No Oriente, de um lado, colocava-se o poder muçulmano, de outro, o “perigo amarelo” — a ameaça mongol — e, entre os dois, a cristandade via um campo virgem para a expansão de sua doutrina.¹¹

Para melhor conhecer as intenções dos dirigentes mongóis, assim como para ter maiores informações sobre os costumes e a organização desse povo, o papa enviou ao grande *khan*, à capital do império mongol, Caracorum, o franciscano italiano João de Plan Carpino.¹² Ele seguiu para o Oriente com uma carta, convidando o soberano a converter-se ao cristianismo. O grande *khan* Guyuk, por sua vez, respondeu com uma carta em que convidava o papa e os príncipes do Ocidente a reconhecerem a soberania mongol antes de qualquer negociação.

¹⁰ Ver A. Rémusat, *Mémoires sur les relations politiques des princes chrétiens, et particulièrement des rois de France...* Paris, Imprimerie Royale, 1822.

¹¹ O campo se mostrava livre, não no sentido de que as regiões orientais estariam abertas à presença cristã, sem apresentar resistências, mas, como se verá mais adiante, do ponto de vista religioso, o Império Mongol sofria a falta de uma doutrina institucionalizada.

¹² O texto completo de sua narrativa de viagem está na edição Jean du Plan Carpin, *Histoire des Mongols. Enquête d'un envoyé d'Innocent IV dans l'Empire tartare (1245-1247)*, trad. de P. Clément Schmitt, Paris, Ed. Franciscaines, 1961.

Três anos após o retorno de Plan Carpino, Luís IX, aliado da Igreja de Roma, recebeu em Chipre dois embaixadores nestorianos, David e Marc, que lhe propunham, em nome do imperador mongol, segundo afirmavam, uma aliança contra os turcos. O rei não se convenceu completamente de que se tratava de verdadeiros embaixadores.¹³ A resposta, sem grandes compromissos, foi enviada pelo padre dominicano André de Longjumeau.¹⁴ Ao chegar ao acampamento do grande *khan*, encontrou no poder a viúva de Guyuk, que considerou a carta do rei Luís uma prova de submissão, não levando a outras conseqüências.

Após esse fracasso, a cristandade esperou seis anos por uma nova tentativa: a missão atribuída, em 1254, a Guilherme de Rubrouck pelo mesmo Luís IX. Naquele momento, a Igreja sonhava com a conversão dos mongóis ao cristianismo e com a possibilidade de uma aliança contra os muçulmanos. A situação dava margem a muito otimismo, depois das notícias de ataques mongóis devastadores contra cidades muçulmanas e da informação de que Sartaq, filho de Batu, chefe do *khanato* da Horda de Ouro, se havia convertido ao cristianismo e se feito batizar.

A missão de Guilherme de Rubrouck

A missão atribuída ao franciscano Rubrouck era bastante delicada. Ele não podia ser enviado como um embaixador, portando as credenciais do rei da França, porque sua missão poderia ser tomada como uma real prova de submissão, tendo em vista a triste conclusão da embaixada de André de Longjumeau. A solução encontrada foi camuflar as reais intenções sob uma missão de evangelização.

Da narrativa de Guilherme de Rubrouck destacam-se três elementos importantes. O primeiro diz respeito às observações sobre as regiões visitadas; o segundo ponto trata das informações sobre a prática diplomática no interior do Império Mongol; e o terceiro ponto é a dificuldade de conciliar seu desejo de evangelização com a missão de espionagem que lhe foi atribuída. Antes, porém, de detalhar esses três aspectos, segue-se, em grandes linhas, as etapas da viagem à corte mongol.

¹³ A carta, enviada mais tarde pelo grande *khan* mongol Mongka ao rei da França, pelas mãos de Rubrouck, confirma que não se tratava realmente de embaixadores. “Un homme nommé David est venu vers vous comme un ambassadeur des Moals [mongóis], mais c’était un menteur [...]”, Rubrouck, *op. cit.*, pp. 223s.

¹⁴ Existem apenas algumas indicações da narrativa de André de Longjumeau, recolhidas na *Chronica majora. Additamenta*, de Mathieu Paris. Ver, também, sobre esse enviado, J. J. Sanders, “Matthew Paris and the Mongols”, *Essays in Medieval History*, Toronto, 1969.

Guilherme de Rubrouck acompanhava Luís IX em sua campanha pela Terra Santa e partiu de Acre, levando cartas ao chefe mongol, Sartaq. Em Soldaia,¹⁵ na Criméia, encontrou o pequeno grupo que o acompanharia: o franciscano Bartolomeu de Cremona, o clérigo Gosset, um intérprete, de nome Homodei, e Nicolau, um escravo comprado em Constantinopla. A viagem teve início em primeiro de junho de 1253 e o primeiro acampamento que encontraram foi o de Tchaghatai, um dos soberanos da Horda de Ouro. Chegaram, depois de quase dois meses, ao campo de Sartaq. Rubrouck lhe entregou as cartas que continham basicamente dois pontos: Luís IX o felicitava pela sua conversão ao cristianismo e assegurava sua intenção de se aliar aos mongóis para lutar contra todos os inimigos da fé cristã, ou seja, os muçulmanos. Os interesses pessoais do frei Guilherme vinham logo depois: ele solicitava uma autorização, a fim de permanecer em território mongol para pregar a doutrina católica.

Rubrouck compreendeu logo que Sartaq não havia sido batizado e que o rumor em torno de sua conversão não passava de mais uma prova da indiferença dos mongóis diante das religiões que, naquele momento, incendiavam o Oriente Médio. Quanto à proposta de união contra os muçulmanos, Sartaq declarou que ele sozinho não poderia respondê-la, assim como sobre a missão de evangelização do enviado do rei da França. Frei Guilherme partiu, então, em direção ao acampamento de Batu. No decorrer dessa viagem, a proposição de uma aliança contra os muçulmanos foi esquecida e os mongóis só retiveram aquela que se referia à pregação de Rubrouck. No entanto, a mesma impotência foi declarada por Batu, que enviou o frei ao grande *khan*, Mongka, instalado nos arredores da capital, Caracorum.

Rubrouck permaneceu na corte de Mongka de dezembro de 1253 a julho de 1254, onde não chegou a realizar grandes pregações; seu intérprete era muito pouco dotado e se cansava com facilidade diante de longas discussões. Mesmo assim, o frei participou de um debate teológico, entre os cristãos nestorianos, os muçulmanos e os budistas-taoístas, que ele chamava de *tuins* ou idólatras. Depois de cinco meses, Mongka lhe respondeu que ele deveria retornar à Europa e o fez portador de uma carta ao rei da França, na qual incitava os europeus à submissão aos mongóis e assegurava que sua posição não estava ao abrigo da potência mongol:

Assim que vocês tiverem ouvido e compreendido a ordem do Deus eterno, se vocês se recusarem a dar-lhe atenção e a nela crer, dizendo a vocês mesmos: ‘Nos-

¹⁵ Atual Soudak. Segundo Rubrouck, tratava-se de um importante centro comercial, onde chegavam os mercadores que vinham da Turquia em direção ao Norte, ou que partiam da Rússia, no sentido inverso. Ver Rubrouck, *op. cit.*, p. 84.

sa terra é bem distante, nossas montanhas são fortes, nosso mar é grande' e que nessa segurança vocês façam a guerra contra nós, saibam que nós sabemos o que nós podemos. E o Deus eterno, aquele que torna fácil o que era difícil, e próximo o que estava distante, o sabe bem.¹⁶

Como se verá mais à frente, o tom mudou e uma nova aliança foi proposta, dessa vez pelos mongóis. A viagem de retorno se fez pelo mesmo caminho e a narrativa de Rubrouck foi enviada a Luís IX, enquanto ele permanecia em Acre, para onde o Provincial franciscano o nomeou leitor.

No que diz respeito à contribuição de Guilherme de Rubrouck para o conhecimento das regiões então pouco desconhecidas da Ásia Central, pode-se afirmar que esse viajante identificou, por exemplo, a real conformação do Mar Cáspio. Ptolomeu já havia esclarecido que se tratava de um mar fechado, mas, durante a Idade Média, o Ocidente insistia em se basear em descrições mais antigas. Em sua carta, menciona-se, pela primeira vez, o parentesco entre as línguas eslavas e a identificação do país de Seres com o Catay. Sua narrativa fornece o testemunho mais antigo sobre a observação clínica dos médicos chineses e de sua doutrina da pulsação e traz, em poucas palavras, alguma idéia sobre a natureza da escrita chinesa. Rubrouck foi responsável, dessa forma, por uma aproximação da Europa com a Ásia Central, no sentido do conhecimento dos costumes das civilizações das estepes.

Quanto às observações da prática diplomática dos mongóis, as informações se encontram espalhadas ao longo da narrativa. O respeito aos enviados estrangeiros era, assim como na Europa, fortemente difundido entre os povos da Ásia Central, e o mal causado a um embaixador era tomado como uma declaração de guerra. Essa função era a tal ponto respeitada que, conforme conta Rubrouck, o seu exercício de forma fraudulenta era severamente punido. Ao descrever a prática da justiça entre os mongóis, afirma que ninguém era condenado à morte a não ser que fosse pego em flagrante ou que confessasse seu crime. Os falsos embaixadores, no entanto, eram levados à morte assim que descobertos.¹⁷

A partir de seu primeiro contato com um chefe mongol, Scatay, Rubrouck percebeu as dificuldades que encontraria pelo caminho. Tudo funcionava por meio da oferta de presentes para as autoridades mongóis ou para os guias ou os intérpretes. A moeda corrente na região, assim como os presentes

¹⁶ Rubrouck, *Voyage dans l'Empire mongol*, p. 225.

¹⁷ Ver *Idem, ibidem*, p. 103.

mais apreciados, eram os tecidos finos.¹⁸ A pequena comitiva sofreu privações durante todo o trajeto, mesmo tendo algum ouro e prata: “[...] toda compra se fazia pela troca de linhos ou outros tecidos... que nós não tínhamos”.¹⁹

Em relação à circulação de presentes, Rubrouck descreve um aspecto que se referia também às pessoas que os ofereciam. Trata-se da tradição de que mensageiros e embaixadores, mesmo devendo ser bem tratados, poderiam ser portadores de maus espíritos e de desgraças. Duas passagens de sua narrativa atestam essa tradição. Na corte de Mongka, Rubrouck encontrou embaixadores de um povo chamado Muc,²⁰ em cuja terra os animais se deixavam capturar apenas com um grito. Acreditava-se, no entanto, que a presença de um embaixador ou um outro estrangeiro no país poderia afugentar os animais. Os homens eram, então, fechados em uma casa e todo o necessário lhes era garantido, até que os negócios fossem resolvidos.

Outro procedimento em relação aos estrangeiros era realizado pelos adivinhos das cortes mongóis, que faziam passar pelo fogo tudo o que era levado à corte.²¹ Eles purificavam da mesma forma toda a mobília dos mortos. Harold Nicolson afirma que o fato de considerar os estrangeiros como perigosos e impuros era comum entre as sociedades primitivas. Diante da desconfiança com que eram vistos e do conseqüente risco de vida a que eram expostos, privilégios e imunidades foram sendo estabelecidos para garantir que as mensagens chegassem aos destinatários.²²

O tratamento dispensado aos embaixadores guardava algumas diferenças, de acordo com a importância do chefe mongol e de sua corte. Mandado por Sartaq à corte de seu pai, Batu, Rubrouck revela sua surpresa diante do número de tendas que formavam seu acampamento: “[...] fiquei estupefato porque suas próprias casas pareciam ser uma grande cidade disposta toda no comprimento e rodeada pelo povo por todos os lados até três ou quatro léguas”.²³ No dia seguinte à sua chegada, Rubrouck e seus companheiros foram conduzidos à corte. Depois da tradicional reverência, curvando os joelhos, todos ficaram em silêncio e Rubrouck pôde observar como se posicionavam as pessoas na corte:

¹⁸ Ver *Idem, ibidem*, p. 108.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 110.

²⁰ Os comentaristas não encontram uma significação exata para esse nome, mas sugerem que possa designar Kao-li, uma região da península coreana. Ver *Idem, ibidem*, p. 150.

²¹ Ver *Idem, ibidem*, p. 216.

²² Ver H. G. Nicolson, *Diplomacy*, London-Oxford-New York, Oxford University Press, 1969, p. 6.

²³ Rubrouck, *Voyage dans l'Empire mongol*, p. 129.

Ele estava sentado em uma cadeira comprida e larga como uma cama, toda dourada, à qual se chegava por três degraus; uma de suas mulheres estava a seu lado. Os homens estavam sentados todos próximos, à sua direita, e as mulheres à sua esquerda: o lado das mulheres não estava ocupado inteiramente por elas porque somente as esposas de Batu estavam presentes; e por isso ali encontravam-se também homens. À entrada da tenda havia um banco com *koumis* [leite de jumento fermentado] e grandes taças de ouro e prata ornadas de pedras preciosas.²⁴

Mas Batu, não podendo responder às cartas enviadas por Luís IX, mandou Frei Rubrouck a Mongka, grande *khan* dos mongóis. Em seu grande acampamento, fez contatos com cristãos nestorianos e armênios e encontrou maiores oportunidades de observar o funcionamento da corte. Ele explica:

[os] embaixadores são acolhidos de maneiras diferentes na corte de Batu e na de Mongka. Com efeito, na corte de Batu, existe um *yam* do lado do ocidente, que recebe todos os que vêm do ocidente, e da mesma forma para cada uma das outras partes do mundo. Mas na corte de Mongka, todos são reunidos sob um mesmo *yam* e podem se ver e se visitar mutuamente. Na corte de Batu eles não se conhecem e cada um ignora a qualidade de embaixadores dos outros. Eles só se vêem na corte, e quando um deles é convocado, pode acontecer que um outro não seja. Eles só vão à corte se são convocados.²⁵

Dessa forma, na corte do grande *khan* Mongka, Rubrouck encontrou embaixadores de muitas regiões. Ele conta que o principal embaixador coreano sempre que chegava à corte trazia uma tábua de marfim. Todas as vezes que falava ao *khan* ou a alguém importante, olhava constantemente essa tábua. Segundo explica Kappler, a pequena tábua era feita de diferentes materiais: jade, marfim, bambu, ouro, cobre ou madeira, de acordo com o grau do mensageiro e a urgência da mensagem. Seu uso se verificou na Coréia e na China até uma época recente.²⁶ Rubrouck conta a história de um clérigo de Acre, chamado Théodule, que se ofereceu para ser embaixador do *khan* junto ao rei da França e ao papa.²⁷ Mongka lhe deu sua *bulle d'or*, uma placa de ouro, sobre a qual fez gravar sua ordem. O portador dessa placa, afirma Rubrouck, poderia dar as ordens que quisesse e seriam executadas imediatamente. A estratégia de Théodule, na verdade um falso embaixador, que seria depois desmas-

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 130.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 168.

²⁶ Segundo Kappler, “c’était à l’origine un *mémoire* de la question à soumettre à l’empereur, ou des réponses données aux questions posées. C’était également une *tablette de commandement* qui accréditait courriers, ambassadeurs, fonctionnaires ou chargés de mission”, *idem, ibidem*, pp. 149s.

carado e punido, demonstra a importância de um salvo-conduto para a circulação nessas regiões. Importância que ajuda a explicar o interesse dos comerciantes em exercer as funções de embaixadores, como se verá no caso de Marco Polo.

E, finalmente, a dificuldade de Rubrouck de conciliar seu desejo de evangelização com a missão que lhe foi atribuída, atitude que contribuiu para o insucesso de sua viagem. Seu projeto de conversão era uma iniciativa pessoal, que não se vinculava a nenhuma estratégia de expansão do cristianismo. Diante da fragilidade de suas ofertas, o grande *khan* não viu razões para autorizá-lo a pregar em terras mongóis. Mas Rubrouck deixou o Ocidente com a missão de obter informações sobre os mongóis e de lhes propor, em nome do rei da França, uma aliança contra os muçulmanos, proposta essa que não chegou sequer a ser ouvida pelo grande *khan*. Conclui-se, então, que sua viagem trouxe como resultado apenas um maior conhecimento sobre os povos das estepes.

A relutância em assumir a função de embaixador verifica-se logo no início da viagem. Em sua narrativa, ainda em Constantinopla, onde se reuniu o seu grupo, Rubrouck afirmou publicamente, na catedral de Santa Sofia, que ele não era um embaixador, mas que partia para pregar a fé aos infiéis, segundo a regra de sua Ordem, a dos franciscanos.²⁸ Mas à medida que o grupo avançava, Rubrouck ia explicando a quem pertenciam as cidades e os impérios e se eles obedeciam ou não aos mongóis, suprimindo, assim, a carência de informações sobre os potenciais inimigos do rei Luís. Ao falar da Pequena Armênia e das regiões vizinhas, por exemplo, Rubrouck afirma que não só elas deviam tributo aos tártaros, mas que estes tomaram, nos anos precedentes, de cada casa, “[...] um machado e todo ferro bruto que puderam encontrar”.²⁹ Foi na cidade de Soldaia que a situação se definiu. Os mercadores de Constantinopla, que chegaram a essa cidade antes dele, espalharam a notícia de que embaixadores da Terra Santa se destinavam à corte de Sartaq. Ao descobrirem a contradição nas informações, os comerciantes aconselharam Rubrouck a nunca mudar de discurso durante todo o trajeto em terras mongóis, o que o levou a se apresentar sempre como pregador.

²⁷ Ver *Idem, ibidem*, p. 170.

²⁸ Ver *Idem, ibidem*, p. 86.

²⁹ *Idem, ibidem*.

Quando, depois de cinco meses junto a Mongka Khan, Rubrouck não obteve a permissão para prosseguir, ou iniciar, sua missão, “Você permaneceu muito tempo aqui”, disse-lhe Mongka,³⁰ ele lamentou não ter tido mais nenhuma oportunidade de lhe expor a fé católica e explica: “Na verdade, só se pode falar em sua presença enquanto ele quiser, a menos que se trate de um embaixador. Um embaixador pode dizer tudo o que quiser, e sempre lhe perguntam se ele tem ainda alguma coisa a acrescentar”.³¹ No final de sua carta, quando faz algumas pequenas recomendações para futuras missões aos mongóis, mesmo julgando-as inoportunas, reafirma que nas cortes mongóis todos escutavam o que um embaixador lhes queria dizer.³²

O historiador René Grousset observa que Rubrouck perdeu a oportunidade de o Ocidente articular uma aliança entre mongóis e cristãos, visando à guerra contra os muçulmanos. No momento de sua passagem pelo acampamento de Mongka, Rubrouck pôde acompanhar a decisão dos mongóis de organizar uma expedição em direção à Pérsia e ao Iraque. Na verdade, conta em sua narrativa que Mongka enviou um de seus irmãos, Hulagu, ao país dos muçulmanos, dando ordem de matar a todos, e um outro irmão — que, na realidade, é o mesmo Hulagu — que deveria se dirigir à Pérsia; “[...] ele entrará, espera-se, no país dos turcos, e de lá enviará exércitos contra Badgá e Vataces”.³³ Um outro irmão, identificado como Kublai Khan, foi mandado à China. A missão, comandada por Hulagu, *khan* do Irã, tinha por finalidade a destruição do califato de Bagdá. Como afirma Grousset, o que se preparava na verdade era uma cruzada mongol, nestoriana, destinada a “[...] jogar contra o Islã iraquiano, sírio e egípcio todos os nômades da Ásia central”.³⁴

Depois do insucesso da missão de Rubrouck, as iniciativas diplomáticas partiram do Império Mongol. Após a morte de Hulagu e da breve regência de sua esposa nestoriana, Abagha assumiu o *khanato* da Pérsia e pouco depois seu filho Arghun lhe sucedeu.³⁵ Este último chegou ao poder persuadido da necessidade de vencer o reino mameluco, que governava o Egito e as grandes cidades da Síria. Uma narrativa de viagem, incompleta, descreve a segunda embaixada enviada por Arghun aos reis do Ocidente, a fim de reunir cristãos e

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 214.

³¹ *Idem, ibidem*.

³² *Idem, ibidem*, p. 246.

³³ *Idem, ibidem*, p. 202.

³⁴ R. Grousset, *Histoire des Croisades et du royaume franc de Jérusalem*, Tome III, Paris, Perrin, 1991, p. 526.

mongóis — Arghun era também nestoriano — contra os mamelucos. A missão foi dada a Rabbam Çauma, um monge nestoriano chinês, que deixou a Pérsia em 1287, em direção ao Ocidente, levando a proposta de aliança contra os muçulmanos.³⁶ Outras missões foram enviadas por Arghun, mas o Ocidente não dispunha de uma voz determinada a reunir a Europa para um ataque final contra os muçulmanos e as propostas do *khan* da Pérsia permaneceram sem resposta.

Do lado europeu, uma nova iniciativa partiu da Igreja, cujo objetivo era a evangelização. A partir da narrativa de viagem de Rubrouck e da visita de Rabbam Çauma, o papado tomou conhecimento da existência de cristãos no Império Mongol. Em 1289, Nicolau IV enviou Giovanni de Monte Corvino, desta vez portando cartas a Arghun e ao grande *khan* Kublai, com o objetivo de fundar a primeira missão cristã na China, onde permaneceu até 1338.

Na virada do século, em 1305, o sultão da Pérsia mongol, Oeuldjeitu, enviou duas delegações com proposições pacíficas, uma ao Egito e outra à Europa Ocidental: à França, à Inglaterra e, provavelmente, à Sante Sé. A carta que chegou à Europa trazia o seguinte teor: “Nós fomos informados de que vocês, numerosos sultões dos francos, permanecem todos em concórdia entre si. Na verdade, o que pode haver de melhor que a concórdia?”³⁷ O sultão mongol propunha, então, que as nações todas da Ásia e da Europa trabalhassem juntas pela manutenção da paz e punissem aqueles que não a respeitassem. A proposta não obteve resultados. Só é conhecida a resposta do rei da Inglaterra, Eduardo II, que apenas felicitava a iniciativa dos mongóis, mas não se comprometia a endossá-la. O fracasso dessa iniciativa se deveria ao insucesso das negociações iniciadas pelos mongóis com o Egito e às lutas freqüentes no interior do império das estepes.

A família Polo: entre o comércio e a diplomacia

³⁵ É Arghun que, indiretamente, oferece a oportunidade de Marco Polo deixar a corte de Kublai Khan.

³⁶ Para traduções dessa narrativa, ver J. B. Chabot, “Histoire du Patriarche Mar Jabalaha III et du moine Rabbam Çauma”, *Revue de l’Orient latin*, T. I, 1893, pp. 567-610 e T. II, 1894, pp. 73-142 e 235-304; e E. A. Wallis Budge, *The Monks of Kùblâi Khan, Emperor of China*, London, The Religions Tract Society, 1928.

³⁷ W. Kotwicz, “Les Mongols, promoteurs de l’idée de paix universelle au début du XIII^e siècle”, *La Pologne au VII^e Congrès International des Sciences Historiques*, Vol. I, Varsovie, Société Polonaise d’Histoire, 1933, p. 202. Kotwicz apresenta uma nova tradução dessa carta, publicada inicialmente por Abél Rémusat.

O surgimento da diplomacia moderna — que Nicolson entende como a arte da negociação e seus técnicos³⁸ — é comumente situado durante os séculos XIII e XIV na Itália. Têm-se, nesse período, as figuras históricas de Dante, Petrarca e Boccaccio e, mais tarde, Maquiavel e Guicciardini, todos originários de Florença.

A presença de comerciantes no exercício de funções diplomáticas marcou todo esse período e teve sua origem muito antes do século XIII. As obras que tratam do comércio na Europa, durante a baixa Idade Média, sobretudo o que envolvia as cidades italianas, apresentam sempre muitos exemplos desse personagem híbrido. Yves Renouard, por exemplo, retraza a trajetória de dois comerciantes de Amalfi, Mauro e seu filho Pantaleone, ainda no final do século XI.³⁹ A vida desses homens não pode ser conhecida por meio de documentos comerciais, mas de crônicas e documentos políticos. Sabe-se que eles exportavam para o Ocidente europeu produtos raros e objetos de luxo, vindos do Oriente Médio e da Índia. Como explica Renouard, o mundo de grandes potências hostis, que era, então, o Mediterrâneo, exigia que os comerciantes exercessem também o papel de políticos e diplomatas.

Numa área tão nova para a diplomacia, como a que envolvia o Ocidente cristão e as regiões mais distantes da Ásia Central e Oriental, a participação dos comerciantes teve igualmente uma grande importância. Pensa-se sobretudo nas missões dadas aos irmãos Polo, por Kublai Khan, ou, meio século mais tarde, ao marroquino Ibn Battûta, por ordem do sultão de Deli, em sua passagem pela Índia.⁴⁰ Mesmo se os comerciantes não estivessem diretamente implicados em uma missão, colaboravam com os enviados da Igreja: Guilherme de Rubrouck deixou Constantinopla em uma caravana de mercadores e Rabam Çaua, embaixador de Arghun, fez sua viagem acompanhado de dois cristãos do Ocidente, Ugeto, um intérprete, e Tommaso Anfusiis, banqueiro, identificado como um membro da família genovesa dos Anfossi, para citar apenas dois exemplos.⁴¹

³⁸ Ver Nicolson, *op. cit.*, p. 12.

³⁹ Ver Y. Renouard, *Les Hommes d'affaires italiens du Moyen Age*, Paris, Armand Colin, 1968, p. 36.

⁴⁰ Ibn Battûta é conhecido como “o viajante do Islã”. Ele saiu de Tanger, no Marrocos, em 1325, e retornou em 1349, depois de viajar pelo norte da África, pela China, pela Índia, pelo sudeste asiático, pela Rússia meridional, pela Espanha e pela Itália. Deixou uma extensa narrativa de viagem, na qual conta sobre uma embaixada realizada junto ao imperador da China, a pedido do sultão de Delhi. Ver Ibn Battûta, *Voyages*, trad. de C. Defremery e B. R. Sanguinetti (1855); introdução de Stéphane Yerasimos, Paris, La Découverte, 1994. Sobre a missão atribuída a Ibn Battûta pelo sultão, ver vol. III, pp. 147-154.

Os comerciantes, por sua vez, aceitavam cumprir missões diplomáticas como forma de desenvolver seus negócios. A narrativa de Marco Polo assinala que seu pai e seu tio aceitaram suas missões com prazer, como se Kublai Khan fosse seu próprio senhor. Esse zelo estaria ligado ao fato de que os mensageiros do grande *khan* tinham direito a um salvo-conduto. O *khan* lhes dava uma *table d'or*, ou seja, uma tábua com os caracteres escritos em ouro, com a qual, como também o afirma Rubrouck, os viajantes atravessavam em segurança o reino mongol. Ela garantia aos comerciantes-diplomatas a hospitalidade do povo mongol, provisões e cavalos para a viagem. Nessas condições, eles podiam dar livre curso ao seu comércio, sem correrem o risco dos ataques pela estrada.

A diplomacia de Veneza, fronteira do Ocidente

Como bem ilustra o exemplo de Mauro de Amalfi, a diplomacia moderna, que se inaugurou na Itália, já vinha fazendo escola pelo menos a partir do século XII, fato que se deve principalmente à consolidação das cidades-estados, dinamizando as trocas entre as comunas italianas e entre estas e as regiões mais orientais, assim como à residência da cúria papal e a suas inumeráveis ligações internacionais.

Algumas cidades-estados especializaram-se nos contatos com o Oriente Médio, devido à sua posição geográfica, e foram então obrigadas a criar mecanismos, a fim de defender os interesses dos mercadores italianos fora da Itália. O procedimento mais comum era a concessão, pelo país de acolhida, de um bairro de uma importante cidade portuária para servir de entreposto aos mercadores italianos. Assim, em Alexandria, Constantinopla, Acre e muitas outras, o mapa da cidade se dividia em colônias de mercadores de diferentes origens. Potiemkine afirma que as Cruzadas e a criação de estados, pelos cruzados, na Palestina e na Síria, tiveram um papel importante no desenvolvimento desses entrepostos.⁴² Os cruzados receberam grande ajuda econômica e militar de Veneza, Gênova e Pisa e essas cidades, depois da conquista do litoral do Levante, obtiveram como recompensa uma parte do resultado das pilhagens. Pisa recebeu seus benefícios no principado de Antioquia e no ducado de Trípoli e os venezianos e genoveses, no reino de Jerusalém.

⁴¹ Jacques Heers, que se preocupa em todo o seu livro em apontar as relações entre a diplomacia e o comércio, cita esse exemplo de Rabam Çauma e conclui: “C’est là un autre exemple de cette collaboration constante entre hommes d’affaires et gens d’Eglise, pour la conduite des ambassades, pour préparer ces expéditions”, J. Heers, *Marco Polo*, Paris, Fayard, 1983, p. 112.

Como interpretar a aventura de Marco Polo

Entre os viajantes da Idade Média, o mais conhecido é Marco Polo. Muitas das informações contidas em sua narrativa de viagem pela China e seu retorno, passando pelo arquipélago indonésio, foram as primeiras notícias sobre essas regiões que chegaram ao Ocidente. Ao mesmo tempo, um grande número de informações por ele difundidas é colocado em questão. A obra mais recente nesse sentido é o livro de Frances Wood, *Did Marco Polo Go to China?*, que, entre outros pontos, afirma que o veneziano não chegou à China, uma vez que em sua narrativa não se faz menção à Grande Muralha ou à escrita chinesa por ideogramas. Estudos e especulações sobre o conteúdo de seu texto não faltam.⁴³

Para esta análise, no entanto, Marco Polo e sua trajetória são importantes pelo que eles representam: frutos da burguesia nascente, de uma cidade próspera e intimamente ligada às relações com o Oriente. Marco Polo foi um cidadão de Veneza, uma das poucas cidades italianas que sempre mantiveram relações comerciais com o Oriente, independentemente dos conflitos militares ou da intolerância religiosa.

Dois momentos-chave na vida da família Polo estiveram ligados à cidade a que pertencia e à sua posição social. O primeiro foi a partida de Constantinopla em direção ao Oriente e o segundo momento foi a prisão de Marco Polo, fato que possibilitou a redação de sua narrativa de viagem. A relação da família Polo com o Oriente fazia parte de sua existência como ~~mercadores e como venezianos, e, assim, sua vida seguia mais ou menos o~~
⁴² Ver M. Potiemkine (dir.), *Histoire de la diplomatie*, Tome I, Paris, Librairie de Médecis, 1953, p. 145.

⁴³ Pode-se, aqui, citar dois exemplos. Marco Polo é com frequência chamado *Il Milione*. Essa denominação, segundo a lenda, se deveria ao fato de que, no momento de seu retorno a Veneza, Marco Polo contava suas aventuras e os valores ultrapassavam sempre a marca dos milhões. Michel Mollat apresenta uma outra explicação, desmitificando essa imagem de Marco Polo contador de histórias. *Milione* viria do diminutivo que possuía Nicolau, pai de Marco, do nome de um dos ancestrais da família, Emilio. Cf. M. Mollat, *Les Explorateurs du XIII^e au XVI^e siècle*, Paris, Éditions du CTHS, 1992, p. 31. Roberto Gallo apresenta ainda uma outra interpretação, onde o nome *Milione* seria uma deformação de *Vilione*, nome de uma família de ricos comerciantes, que viveu em Veneza no final do século XIII. Ver Heers. *op. cit.*, pp. 41-48. Outro exemplo é a tão discutida missão que Marco Polo teria recebido de Kublai Khan, de governar uma província no sul da China: a cidade de Yang-tchéou. Italo Molinari fala da confusão feita entre Marco e Bólou Chéng Xiàng, que era, então, vice-conselheiro naquela província. Bólou, segundo os Anais Imperiais de Yuànshî, foi nomeado em 1277. Molinari acrescenta que outros autores têm endossado essa confusão, trocando o nome de Bólou em Baoluo. Cf. Italo Molinari, “Un articolo d’autore cinese sur Marco Polo e la Cina”, *Annali*, Sip. 30, vol. 42. Napoli, 1982, pp. 9-11.

ritmo do conflito entre Veneza e Gênova; a principal cidade do mar Adriático, de um lado, e a do Mar Tirreno, de outro. Marco Polo conta em seu livro que, em 1252, seu pai Nicolau e seu tio Mafeu resolveram embarcar numa nave veneziana e se instalaram em Constantinopla, onde já um outro irmão, Marco, o Velho, se beneficiava dos privilégios comerciais que Veneza havia recebido em 1082. O avanço em direção a terras mais distantes começou em 1261, quando os dois irmãos deixaram Constantinopla e partiram para Soudak (Soldadia), na Criméia. Essa mudança na vida da família se repetia ao mesmo tempo em muitas outras casas de comércio venezianas. Já havia alguns anos as relações de força no mar Adriático ameaçavam comprometer os privilégios de Veneza no comércio com o Oriente. O Império Latino, instalado em Constantinopla em seguida à quarta Cruzada, sofria ataques dos povos do norte e, de forma mais insistente, dos gregos, que visavam à reconquista da cidade, entrincheirados próximos à capital, em Nicéia. O império de Nicéia, sob a dinastia de Paleólogo, com navios e galeras genovesas, avançou sobre Constantinopla e, em 26 de julho de 1261, seus soldados entraram na cidade, destruindo o bairro veneziano. Caía, assim, o Império Latino e o imperador bizantino, Miguel VIII Paleólogo, retomava o poder.⁴⁴ Depois desse massacre, muitas famílias retornaram a Veneza e outras, como os dois irmãos Polo, prosseguiram suas atividades em regiões mais próximas dos locais onde se produziam as especiarias e os produtos de luxo, consumidos na Europa.

Deixando Soudak pouco tempo depois, os dois irmãos chegaram à cidade de Bukhara, onde, em contato com mongóis de regiões distantes da Ásia Central, foram convidados, conforme conta Marco Polo, a se apresentarem ao soberano da China e chefe dos mongóis, Kublai Khan.

— Senhores, advirto-os de que o grande soberano dos tártaros nunca viu um latino e tem muita vontade de conhecê-los; assim, e vierem comigo, asseguro-lhes que ele os verá com muito agrado e os encherá de honras e bens.⁴⁵

É possível acreditar nessa versão de Marco Polo, já que não é a primeira vez que se manifesta a curiosidade dos chefes mongóis em relação a outros povos. O próprio Gêngis Khan a usou a seu favor, durante o movimento de conquista. Prawdin escreve que o grande unificador do povo mongol recebia com prazer os viajantes. Toda caravana de comerciantes que passasse

⁴⁴ Ver Heers, *op. cit.*, pp. 61-63, e J. Bompaire, “Diplomatie et rhétorique à l’époque de Michel VIII Paléologue”, *La Vie, la mort, la foi, le temps. Mélanges offertes à Pierre Chaunu*, Paris, PUF, 1993, p. 671.

por seu território devia fazer-lhe visita. Os conhecimentos dos comerciantes sempre agradaram Gêngis Khan, a tal ponto que ele os considerou um exemplo para os mongóis: “[...] estes deveriam ser tão hábeis e experientes nas artes da cavalaria e da guerra quanto esses mercadores em seus negócios”.⁴⁶

Nicolau e Mafeu atravessaram então a Ásia Central, realizando, talvez, pequenos negócios, e chegaram, um ano depois, à corte do imperador. O texto de Marco Polo não traz muitas informações sobre essa primeira viagem dos dois irmãos. Ele conta brevemente que eles foram, em seguida, enviados como embaixadores de Kublai Khan ao Ocidente, encarregados de levar ao papa uma carta, escrita em turco, onde o grande *khan* solicitava o envio de até cem homens sábios para ensinar a doutrina cristã. Se esses homens pudessem convencer os idólatras do reino mongol de que suas crenças eram falsas, Kublai se comprometia a converter-se ao cristianismo; ele e todos os seus potentados. Para facilitar a viagem, o grande *khan* deu a seus embaixadores uma *tablette d'or*, gravada do selo real.

Em 1269, chegaram a Veneza. Dois anos depois, receberam a missão de levar cartas do papa recém-eleito, Gregório X, ao imperador mongol, na companhia de dois freis, Nicolau de Vicenza e Guilherme de Trípoli. A partir dessa missão, da qual já participou o jovem Marco, então com 16 anos, a narrativa se desvia da ordem cronológica dos acontecimentos. Começaram, então, as viagens de Marco Polo, que só terminariam em 1295.

A composição de sua narrativa de viagem não permite estabelecer um itinerário preciso e contínuo.⁴⁷ Para chegar à corte de Kublai Khan, a família Polo tomou a via terrestre e percorreu um trecho da rota da seda. A viagem de Marco Polo, seguindo a rota da Ásia Central, durou quatro anos. Os comerciantes passaram pelo Khorasan, pelos Bactres, pelo Pamir e chegaram finalmente à corte de Kublai, em maio de 1275, na cidade de K'ai-p'ing fei, na Mongólia, onde havia sido construído seu novo palácio.

Durante a primeira viagem à corte mongol, em 1261, os venezianos puderam observar o avanço de sua potência, que dominou todo o continente. Já nessa segunda viagem, os três viajantes verificaram o apogeu desse

⁴⁵ Marco Polo, *O livro das maravilhas*, trad. de Elói Braga Júnior, Porto Alegre, L&PM, cap. IV, p. 36.

⁴⁶ Prawdin, *op. cit.*, p. 100.

⁴⁷ Ver Heers, *op. cit.*, pp. 140-163.

império, não apenas em sua capital, Cambalic (Pequim), mais também em outras províncias, para onde foram enviados em missão. Marco Polo retrata, impressionado, a extensão do domínio mongol e descreve com admiração o imperador:

Vou relatar agora as grandes proezas e maravilhas do Gran Cã que reina atualmente chamado Cublai, o que no nosso idioma quer dizer o senhor dos senhores. E dão-lhe esse título com justiça pois é sabido de todos que ele é o homem mais poderoso da terra, em tesouros, em exércitos; nunca os houve maiores, desde Adão, nosso primeiro pai; e nunca os houve até nossos dias. E isso demonstrarei neste livro.⁴⁸

Uma vez instalado em Cambalic, Marco Polo fez várias viagens pelas províncias da China. Para dar um exemplo do gênero de descrições encontradas em sua narrativa, faz-se uma pausa na cidade de Quinsai, que chamou a atenção do veneziano por sua dinâmica atividade comercial.

Saindo de Ciangã [...] ao cabo de três jornadas está-se em Quinsai, que quer dizer Cidade do Céu. Já que aqui chegamos, falarei de sua magnificiência, pois é, sem mentir, a mais bela e nobre cidade do mundo. [...] Tem muitos mercadores ricos, que fazem grandes negócios. Os homens que dirigem os armazéns são pessoas importantes. Eles e suas mulheres não trabalham e vivem como se fossem reis. As mulheres são bonitas. [...] Sabei que todas as ruas são calçadas com lajes e ladrilhos de barro cozido, de forma que a gente passa por elas, a pé ou a cavalo, sem se enlamear.⁴⁹

Os comerciantes puderam deixar a corte do grande *khan* graças a Arghun, *khan* da Pérsia, que pediu a Kublai Khan uma princesa da mesma família de sua esposa, que acabava de falecer, para realizar um novo casamento. O grande *khan* decidiu enviar a princesa Cogatim, mas as rotas da Ásia Central não se mostravam mais tão seguras e Marco Polo se ofereceu para acompanhar a princesa por via marítima. A viagem durou três anos, durante os quais os viajantes passaram um período em Sumatra, atravessaram o Oceano Índico e entraram pelo Golfo Pérsico. O pequeno grupo que conseguiu concluir a viagem descobriu que Arghun havia morrido e que o casamento seria então realizado entre seu filho e sucessor, Ghazan, e a princesa Cogatim.

De volta a Veneza, tem-se o segundo momento em que o destino da família Polo se associou ao de sua cidade. Em 1298, durante a batalha de Curzola, os genoveses causaram uma grande derrota a Veneza, destruindo sua

⁴⁸ Marco Polo, *op. cit.*, cap. LXXVI, p. 113.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, cap. CLIII, p. 179.

frota e fazendo grande número de prisioneiros, entre eles Marco Polo. A seu companheiro de cela, Rustichello di Pisa, escritor de romances de cavalarias, ele contou suas experiências durante os 24 anos que passou na Ásia. Essa batalha, que derrotou Veneza, apenas um capítulo da longa trajetória de guerras entre as duas maiores cidades portuárias da Itália, garantiu a Gênova o domínio do mar Mediterrâneo até a segunda metade do século XIV. Somente em 1380, Veneza seria capaz de infligir aos genoveses uma derrota definitiva.⁵⁰

Um esboço de diplomacia

Quando se fala de história diplomática, no sentido dos grandes fatos envolvendo diferentes territórios, as missões de Marco Polo, assim como as de seu tio e de seu pai, não tiveram um papel importante. Em seu livro *Histoire des Relations Internationales*, François Ganshof descreve as trocas diplomáticas e as técnicas adotadas para fazer circular as decisões dos imperadores durante a Idade Média. A sua referência aos venezianos, no entanto, os coloca apenas como um exemplo dos que tiraram proveito da unidade mongol na Ásia. Em relação à narrativa de Marco Polo, sua importância reside nas informações que ela contém sobre a Ásia e sobre as vias de comunicação, utilizadas pelo comércio com o Extremo Oriente.⁵¹

Na coleção de cartas dos príncipes mongóis, publicada por Abel Rémusat, as contribuições dos Polo não são sequer citadas. A única referência aos venezianos ocorre quando Rémusat descreve o papel-moeda utilizado pelos mongóis e mencionado por Marco Polo.⁵² A esse silêncio podemos atribuir duas explicações. Uma vez que não se conhece uma cópia da carta enviada por Kublai Khan ao papa, em que solicita o envio de homens sábios para ensinar a doutrina cristã, pode-se supor que ela não teve o peso oficial atribuído por Marco. Pode-se também considerar que essa carta tenha realmente existido, mas que, chegando ao Ocidente num momento de transição — morte do papa Clemente IV — ela não recebeu grande atenção. Nesse caso, a intenção do grande *khan* de conhecer a doutrina cristã é possivelmente sincera. Rémusat afirma, e muitos outros estudiosos são da mesma opinião, que os mongóis, “[...] indiferentes a todas as religiões, estavam preparados a adotá-las sem distinção”.⁵³ Para reforçar a autenticidade do interesse de Kublai, pode-se buscar também um exem-

⁵⁰ Ver V. Chklovski, *Le Voyage de Marco Polo*, Paris, Payot, 1983, pp. 19s e pp. 215-217.

⁵¹ Ver F.-L. Ganshof, *Histoire des Relations Internationales, Tome I — Le Moyen Age*, Paris, Hachette, 1968, pp. 189-201 e 263-301.

⁵² Ver Rémusat, *op. cit.*, p. 159.

plo na vida de Gêngis Khan que, quase meio século antes, havia convidado o monge chinês Ch'ang Ch'un à sua corte, a fim de conhecer, por vias competentes, a doutrina taoísta.⁵⁴

Como conclusão desses contatos, tem-se que todas as embaixadas trocadas entre os mongóis e a cristandade não obtiveram resultados, e o Império Mongol foi enfraquecido, antes por divisões internas que por ameaças externas. Da mesma forma, nenhuma aliança com os mongóis pôde ser estabelecida contra os muçulmanos, e os cruzados foram obrigados a retornar à Europa. Apesar do fracasso, do ponto de vista diplomático, deve-se assinalar que a principal consequência da aproximação do Oriente e do Ocidente naquele momento se refletiu nas relações comerciais.

Robert-Henri Bautier, ao falar do comércio na Idade Média, afirma: “a maior parte das manifestações entre o Oriente e o Ocidente pertencem ao período privilegiado que foi a paz mongol”.⁵⁵ O momento anterior à invasão mongol, aquele da chegada dos ocidentais à Terra Santa, foi decisivo para o despertar econômico da Europa, que conheceu uma série de objetos criados para a navegação, assim como condutas comerciais consagradas pela prática regular dos comerciantes árabes pelo Oceano Índico.

Esse período de pouco menos de cem anos — da partida de Rubrouck, em 1254, à morte de Marco Polo em Veneza em 1324 — desperta grande interesse, porque revela o momento em que o mundo dos negócios — homens, produtos, posições estratégicas — começava a ganhar importância e o fazia de forma crescente e duradoura. O século XIII, onde se verifica o que Roberto Lopez chamou de revolução comercial, representa, segundo Nicolson, um momento de transformação: “O principal impulso que trans-

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 26.

⁵⁴ Ch'ang Ch'un foi um monge taoísta que viveu na China do norte, no final do século XII e início do XIII. Em 1218, convocado por Gêngis Khan, foi à Mongólia e, não encontrando o soberano, atravessou o Turquestão e chegou à fronteira da Índia, onde pôde explicar a doutrina taoísta ao chefe mongol. Um de seus discípulos, Li Chih-ch'ang, escreveu sua viagem. Para uma tradução dessa narrativa, ver E. Bretschneider, *Notes on Chinese Medieval Travellers to the West*, Shanghai-London, American Presbyterian Mission Press, 1875, sem a tradução dos poemas de Ch'ang Ch'un e das passagens onde se discute o taoísmo; e a tradução em A. Waley, *The Travels of an Alchemist — The Journey of the Taoist Ch'ang-Chun from China on the Hindukush at the Summons of Chingiz Khan* (1ª edição, 1931), London, Routledge & Kegan Paul, 1963.

⁵⁵ R.-H. Bautier, “Les relations économiques des occidentaux avec les pays d'Orient, au Moyen Age. Points de vue et documents”, *Actes du Huitième Colloque International d'Histoire Maritime*, Paris, Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études, 1970, p. 263.

Artigos

formou a velha e amadora diplomacia em um serviço especializado foi o comércio”.⁵⁶

Rio de Janeiro, maio de 2000.

⁵⁶ Nicolson, *op. cit.*, p. 88.